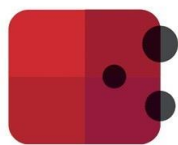


O pai do cinema brasileiro na poesia e nas memórias de Ronaldo Werneck

Andrea Vicente Toledo Abreu¹

¹ Doutoranda em Educação Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, onde é bolsista CAPES/PROEX, com doutorado-sanduíche no Programa de Pós-Graduação Memória: Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Especialista em Informática na Educação e em Estudos Literários. Graduada em Letras e Pedagogia. Integrante do GRUPEM - Grupo de Pesquisa Educação e Mídia (PUC-Rio). Professora e pesquisadora na Universidade do Estado de Minas Gerais/UEMG. Possui experiência na educação básica, na formação de gestores e de professores e em iniciativas de promoção da inclusão digital, do audiovisual na educação e de incentivo à leitura e à escrita.
email: andreatoledo4@gmail.com

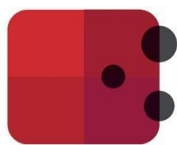


Ronaldo Werneck nasceu em Cataguases, cidade com 75.025 habitantes (IBGE, 2017), localizada no interior de Minas Gerais, em 23 de outubro de 1943. Poeta, jornalista e escritor, tem sua trajetória marcada pelo cinema e pela poesia, presente na cidade, assim como pela experiência com cineastas e críticos de cinema baianos e cariocas. É autor de muitos livros - entre eles, o frequentemente citado nesta entrevista, *Kiryri Rendáua Toribóca Opé: Humberto Mauro revisto por Ronaldo Werneck*, referência para o entendimento do percurso cinematográfico de Humberto Mauro.



Imagem 1: Fotografia de Ronaldo Werneck, realizada pela entrevistadora.

Humberto Mauro (1897-1983) nasceu em uma fazenda nos arredores da cidade de Volta Grande-MG. Segundo Gomes (1974), depois de um breve período morando em Além Paraíba-MG e no Ginásio Leopoldinense, instituição de ensino da época na região da Zona da Mata Mineira, em regime de internato, mudou-se com sua família para Cataguases. Aos 17 anos, foi para Belo Horizonte estudar Engenharia, mas retornou um ano depois e se estabeleceu na cidade. Até 1920 viveu dividido entre namoro, noivado,



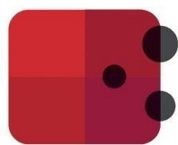
casamento e a ideia da montagem de uma oficina de eletricidade, quando começou a trabalhar na Companhia Força e Luz de Cataguases-Leopoldina. Nesse período, conheceu Pedro Comello e deu início a um trabalho pioneiro na produção do cinema nacional.

Em Cataguases produziu os filmes: *Valadião, o Cratera* (1925), *Na primavera da vida* (1926), *Thesouro perdido* (1927), *Sinfonia de Cataguazes* (1928), *Brasa dormida* (1928) e *Sangue mineiro* (1929). Depois disso mudou-se para o Rio de Janeiro e realizou trabalho de grande relevância no Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE), criado em 1936, por Edgar Roquette Pinto. Segundo Schvarzman (2003), Mauro dirigiu 357 curtas nessa “escola dos que não tiveram escola (...), filmou descobertas científicas, biografias de heróis da nação, as riquezas da natureza e da cultura e ensinamentos técnicos, entre outros assuntos” (SCHVARZMAN, 2003).

Cataguases faz parte da gênese do cinema brasileiro porque foi nela que Humberto Mauro, considerado o primeiro grande cineasta do país, deu início à realização de seus filmes no período denominado, posteriormente, pelos historiadores do cinema, de Ciclo de Cataguases. A cidade abriga hoje o Polo Audiovisual da Zona da Mata de Minas Gerais, inaugurado em 2010 a partir de mobilizações e articulações estabelecidas entre empresas, governos municipal, estadual e federal, universidades, fundações, artistas e intelectuais. Desde então, promove oficinas, cursos e ações de intercâmbio no Brasil e exterior, voltados para a qualificação técnica e artística das pessoas da região, para que possam obter postos mais qualificados nas produções realizadas. Essa profissionalização de agentes locais, combinada com investimentos financeiros, vem atraindo realizadores de todo o país e vem possibilitando a produção de longas e curtas-metragens, ficção, documentários, animações, videoclipes musicais, produções para TV, internet e mídias móveis. Além desses, estão entre suas atividades festivais, fóruns e arenas de debate, em ambientes que favorecem o intercâmbio de experiências e a interlocução entre profissionais do audiovisual, estudantes, educadores e gestores, com participação de pessoas de diversas partes do Brasil e do exterior (segundo o site do Polo Audiovisual)².

Esta entrevista é resultado de procedimentos metodológicos utilizados pela entrevistadora, em sua pesquisa de Doutorado em Educação Brasileira, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, com estágio sanduíche de doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. A conversa com Werneck aconteceu

² Disponível em: <http://www.poloaudiovisual.org.br/>. Acesso em 31 de mai. 2019.



na penúltima segunda feira do mês de Abril, de 2018, em sua residência, em Cataguases.

Andrea Abreu: Já que falaremos de sua trajetória de vida, vamos começar pela sua infância?

Ronaldo Werneck: Ah! Foi uma infância maravilhosa, uma infância no interior, descalço, na rua ainda sem paralelepípedo, o chão batido, ficava brincando de pique, de futebol de bola de meia, os pés sujos. A gente só voltava para casa para lavar os pés para dormir, banho geral só aos sábados. Só lava os pés e vai dormir (risos). Mas foi uma infância maravilhosa, na cidade! Nadando no Rio Pomba. A cidade bem menor naquela época. A gente conhecia todo mundo. Eu lembro que tinha três ou quatro automóveis na cidade e um caminhão que tinha na minha rua.

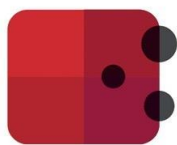
Andrea Abreu: Seus pais tinham formação escolar?

Ronaldo Werneck: Não! A mamãe era professora e o papai era motorista. Meus avós também não. Eram fazendeiros. O vovô não conheci. Minha vó materna, a vovó Cota, filha de fazendeiros veio para a cidade por volta dos 20 anos. Começou a ter filhos aos 15. A vovó teve, acho que 19 filhos, essas coisas assim, absurdas daquela época. A vovó morreu com 101 anos. A mamãe era professora primária. A dona Maria José.

Andrea Abreu: Ela chegou a fazer magistério, ou era como as professoras que concluíam o ensino fundamental I e já começavam a lecionar?

Ronaldo Werneck: É, naquela época era só isso. Ela deu aula a vida inteira. Deu aula em Dona Euzébia muito tempo, depois até, era um orgulho muito grande, porque ela se tornou cidadã honorária de Dona Euzébia. Teve discurso do prefeito e tudo. Eu lembro que a gente foi. Mamãe fez um discurso! Ela deu aula aqui também, no Professor Quaresma, um grupo onde é o Coronel Vieira, onde eu também estudei.

Eu estudei no Coronel Vieira e depois no Colégio Cataguases. Estudei até o científico aqui, depois fui para o Rio. Eu na verdade não terminei o curso superior. Eu comecei no Rio, a fazer Filosofia. Fiz dois anos de Filosofia, aí parei. Anos depois, jornalista já, com artigo publicado, trabalhando em jornal, fui funcionário do Banco do Brasil, trabalhando como jornalista sem a carteira, voltei a fazer faculdade. Peguei os dois anos que havia de Filosofia e completei lá na Faculdade Hélio Alonso. Quando eu estava para terminar o curso, faltando seis meses, eu precisei viajar a trabalho. Fui para a Argélia, fiquei uns quarenta dias lá. E já era o final do curso e tinha muito trabalho para fazer. Na verdade, os professores eram todos meus amigos e alguns deles, eu já tinha



sido chefe em jornais, me disseram, “ah você não precisa vir, não, vem só fazer prova”. Mas não deu.

Eu era editor da revista Cacex do Banco do Brasil. Fui para uma feira internacional de Argel. Fiquei quarenta dias na Argélia e mais uns dois meses na Europa flanando. Quando eu voltei já estava quase na época das provas e eu desisti daquilo. Acabei não terminando por bobagem, faltavam poucos meses.

Andrea Abreu: Você trabalhou no Banco do Brasil? Foi aqui?

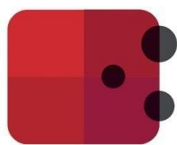
Ronaldo Werneck: Comecei em Salvador. Por que eu preferi Salvador? Por causa de poesia. Olha que coisa engraçada. Na época havia uma publicação da Civilização Brasileira chamada *Cadernos do Povo Brasileiro: poemas para a liberdade – Violão de Rua*. Eram uns livrinhos assim pequenos, eu tenho até hoje esses livros, que era uma ideia lá do Ênio Silveira de levar poesia para o povo. Era vendido a 50 reais.

Mas o negócio de Salvador, o *Violão de Rua*, era uma ideia do Ênio e dos poetas da época, o Vinícius de Moraes estava fazendo o *Operário em Construção*, que eram os poemas participantes. Era uma época que a gente achava que ia fazer uma revolução nesse país, e acabou que os idiotas dos milicos deram aquele golpe e ficaram 21 anos aí.

Eu lia o *Violão de Rua* que tinha o Goulart fazendo... ai meu Deus... o Goulart fazendo redondilha! Tinha os poemas do Vinícius, alguns poemas do Affonso Romano, que depois virou meu grande amigo. E havia um poeta baiano chamado José Carlos Capinam, que eu achei interessante o que ele estava fazendo. Falei, eu vou para a Bahia conhecer esse cara. A minha ideia era conhecer o Capinam, que eu acabei não conhecendo. Conheci o Gil, o Caetano, a Bethânia e a Gal. Fui até ao primeiro show deles. Caetano eu conheci por causa de cinema, porque eu acabei amigo do pessoal de cinema da Bahia. E o Caetano escrevia na época sobre cinema e eu também andava escrevendo para um outro jornal na Bahia. Mas o Capinam mesmo, eu não conheci.

Mas, olha que coisa engraçada! Anos e anos depois, eu organizei um festival de música aqui em Cataguases com o Joaquim Branco, grande amigo, professor e poeta que vive aqui até hoje. Organizamos dois festivais. No segundo, o Capinam concorreu e veio. E aí ficamos amigos. O Capinam acabou ganhando o festival e era muito engraçado, que era um dinheiro lá que não sei quanto. Cruzeiro, real, sei lá como chamava o dinheiro na época! O Capinam disse, “poxa Ronaldo, vou comprar uma máquina elétrica e vou fazer meus poemas”. E o Capinam já era famoso, era letrista do tropicalismo!

Andrea Abreu: E como é que você começou a se interessar por poesia?



Ronaldo Werneck: Ah!! Muito antes, em 1960! Eu tinha muito contato com Joaquim Branco. Nós começamos a fazer jornal. Em 1961 a gente fez *O Muro*, era um jornal mimeografado. Eu, Joaquim, os irmãos dele, o Aquiles e o Pedro, o Célio Lacerda, que hoje é médico aqui; o Carlos Sérgio Bitencourt, que é do teatro. Esta turma, tá entendendo? Mas éramos eu e o Joaquim que editávamos. Depois nós fizemos um segundo jornal já impresso, que era encartado n' *O Cataguases*, chamado *SLD*, e finalmente *O Totem*, que surgiu na faculdade, na FAFIC, primeiro com a Márcia Carrano, depois nós assumimos.

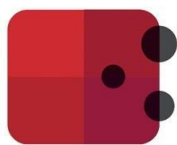
Andrea Abreu: Então você sempre esteve envolvido com arte, com literatura? Desde sempre? E isto foi estimulado por quem? Foi sua família?

Ronaldo Werneck: É! Futebol, sinuca, arte e poesia! (risos)

Não, não! Mamãe ficava me cerceando para eu não ler história em quadrinhos. Ah, isso é um absurdo, você tem que ler livros. O primeiro livro que li mesmo, assim engajado, foi o *Homem dos Macacos*, que era o livro do Tarzan, de Edgar Rice Burroughs. Mas era um livro mesmo, um catatau. Mas eu li porque eu já conhecia da história em quadrinhos, e li assim com grande prazer. Era um livro que até hoje eu gostaria de reler, eu nem sei, talvez eu tenha esse livro aqui em casa.

No colégio havia um professor chamado Manoel das Neves, que era professor de História. Eu fui aluno do Gradim, mas não foi o Gradim que me incentivou, foi o Manoel das Neves porque ele dava umas aulas fantásticas de História, que eram muito engraçadas. Ele falava assim: "Ah... o Alexandre! O Alexandre Magno era um sujeito bonito, espadaúdo, loiro, cinturinha fina. Já imaginaram o Alexandre de lambreta na Praça Rui Barbosa? Iria ganhar todas as meninas!". Um cara desses me ganhou. E eu comecei a escrever as provas como ele dava aula, eu brincava no texto da prova como ele. E ele ficou fascinado com isso e disse "não, Ronaldo, você escreve muito bem". Mentira! Porque eu estava imitando ele. "Você escreve muito bem, você tem é que escrever, que não sei o que e tal". E o Manoel me incentivou muito. A ponto de o meu segundo livro de poemas, que é um poema imenso sobre Cataguases, quando Cataguases fez o centenário, em 1977, *O Pomba Poema*, o Manoel fazer o prefácio. Eu me orgulho até hoje.

Muito bacana o Manoel das Neves! Enfim, um professor que virou meu amigo. Embora ele fosse Vasco e eu Flamengo, nós ficamos muito amigos. Eu gostava muito do Manoel das Neves. Foi ele quem me incentivou desde o início. Aí eu comecei a escrever umas crônicas n' *O Cataguases* com o pseudônimo de Roneck que é um negócio horroroso, que eu assumo até hoje. O meu e-mail é roneck@ronaldowerneck.



Que é o início de Ronaldo e o final de Werneck, e ficou. Mas eram uns troços horrorosos. O problema é que *O Cataguases*, como todo jornal, tem um arquivo, então aquilo tá lá para a eternidade. Eu olho aquilo hoje e digo: “Meu Deus”!

Andrea Abreu: E quando foi que você ouviu falar que tinha gente fazendo cinema em Cataguases?

Ronaldo Werneck: Bom, eu sempre soube do Humberto Mauro. Mas meu primeiro contato com ele foi em 1961, quando o Mauro Sérgio Fernandes organizou um grande festival para homenageá-lo aqui em Cataguases e eu, de certa forma, ajudei. Essa história está no meu livro, você vai ver.

O Célio Lacerda tinha uns parentes no Rio de Janeiro que eram vizinhos do Sérgio Augusto, que já era um crítico que eu respeitava. Para mim, ele é um dos grandes críticos de cinema que nós temos, e, fora isso, um intelectual de primeira água. Quando eu soube disso pensei que poderiam me apresentar, e assim trazer o Sérgio Augusto para o festival. Foi a minha ajuda para o festival. Eu era um menino ainda, mas consegui.

Vieram muitos críticos, cineastas, enfim, muita gente. A Edla van Steen, escritora. Ela era linda, linda, linda! Tinha feito um filme chamado *Na garganta do diabo*, do Walter Hugo Khouri. Veio com o marido dela, o Loiopércio, artista plástico, sobre quem escrevi uns textos, quando eu trabalhei no CCBB (Centro Cultural Banco do Brasil). Mas a Edla veio, veio o Glauber. Foi em setembro de 1961. Enfim, foi o primeiro contato que eu tive com o Humberto Mauro, vendo seus filmes. Aquilo me deixou fascinado.

O Mauro Sérgio teve contato, na época, não só com o Humberto Mauro, como com o Chiquinho Mauro, seu irmão; com o Homero Cortes, que foi um dos produtores, dono da Carcacena aqui. Com o Agenor de Barros, que havia sido dono do cinema e era um empresário, vendedor de automóveis. Foram os dois que financiaram a “aventura”, entre aspas, do Ciclo de Cataguases. O grande mistério do Ciclo, em minha opinião, foi como dois comerciantes, o Homero Cortes e o Agenor de Barros, se meteram nessa aventura. Eles botaram dinheiro e perderam dinheiro nisso.

Andrea Abreu: Foi quando você conheceu Humberto Mauro?

Ronaldo Werneck: Nessa época, *en passant*, assim! Eu vi o Mauro, ouvi os discursos que ele fez e vi os filmes. Eu participei do festival mais como ouvinte.



Depois, em 1967, quando Cataguases comemorava 90 anos de emancipação e 40 anos da Revista Verde³, eu e o Joaquim organizamos um ciclo de homenagens para o pessoal da Verde e fizemos, inclusive, uma peça que nós organizamos a quatro mãos, chamada *Carta aos Azes*. E nessa época Humberto Mauro esteve presente. Vieram também Marx Rebelo, Guilhermino César e Chico Peixoto. Há uma foto, de certa forma icônica, a gente lá no Clube Social, logo depois da apresentação da nossa peça. E aí eu tive contato com o Humberto Mauro, mas ainda *en passant*.

Efetivamente, o meu contato maior com o Mauro foi em 1967. Em 1970, eu já morando no Rio, escrevendo artigos para jornais, um amigo meu, o Moacyr Cirne, era editor da *Revista de Cultura Vozes* e volta e meia me pedia alguma coisa sobre cinema. Os dez melhores filmes brasileiros, quais os filmes você mais gosta. Ele fazia enquetes com várias pessoas. Eu às vezes escrevia para ele, e um dia ele falou: “poxa Ronaldo, podia escrever um texto sobre Humberto Mauro!”. Eu concordei e comecei a ler, rever os filmes e fiz um grande texto sobre ele, que foi capa da revista e tinha até um encarte.

Para minha surpresa, alguns dias depois que a revista saiu, me ligou alguém que dizia ser Humberto Mauro e eu achava que era trote. Pô, o Humberto Mauro me ligando! E era o próprio! Muito simpático! “Poxa, Ronaldo, você é de Cataguases? Não é? Como é que é? Werneck!”.

O pai dele, o Sr. Caetano, foi casado em segundas núpcias com uma Werneck, que era de Muriaé. Então ele falou: “de repente a gente é contraparente?”. Ficamos brincando e tal! E ele completou: “mas você costuma ir a Cataguases?”. Ele estava me ligando de Volta Grande. Disse a ele que ia para ver meus pais, meus amigos. “Ah!! Então dá uma passada aqui, pra gente bater um papo, tomar um café”. A partir daí eu quase sempre que vinha a Cataguases, dava um pulo lá! E ficamos amigos.

Andrea Abreu: E o que você aprendeu com estas pessoas envolvidas com o cinema?

Ronaldo Werneck: Eu aprendi muito com o Glauber, embora quando eu cheguei na Bahia, ele estava indo para Europa. E logo depois estourou a quartelada dos milicos. Eu fui preso no dia 1º de abril, em Salvador. Acho que eu fui um dos primeiros presos políticos desse país. Passei uma noite lá!

O Glauber tinha ido para o Festival de Cannes levar o *Deus e o Diabo*. Eu vi *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, no Cine Guarani, em uma sessão de gala. Foi em um domingo pela manhã. Estava todo o pessoal de cinema da Bahia, o Caetano se sentou

³ Movimento literário que surgiu em Cataguases no ano 1927, fruto do trabalho de um grupo de jovens escritores, cujo resultado foi o lançamento de um periódico denominado *Revista Verde*.



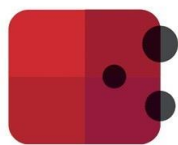
do meu lado, Sante Scaldaferrri, que era um artista plástico que depois ficou muito meu amigo, trabalhou em dois ou três filmes do Glauber, enfim, estavam os baianos todos lá. Era uma sessão assim, todo mundo boquiaberto com *Deus e o Diabo*.

Mas o Glauber, eu acabei não conhecendo na Bahia. Eu conheci e fiquei amigo de muita gente de cinema na Bahia, inclusive do produtor do Glauber, Rex Schindler. A gente ficou muito amigo, eu, o Rex, a mulher dele, a gente conversava muito. Nessa época, em Salvador, eu fui diretor de arte da AABB (Associação Atlética do Banco do Brasil) e fundei um cineclube, para onde eu levei vários filmes de amigos meus baianos ou de quando eu morei em São Paulo. E eu lembro que o pessoal do banco falava: “poxa Ronaldo, você tem que trazer uns filmes coloridos para cá, como o Rock Hudson, a Doris Day”.

Quando o Glauber viu os filmes do Mauro aqui no Festival, em 1961, tem uma história que Mauro Sérgio pode te contar melhor do que eu, porque foi ele quem organizou essa noite em que o Glauber sumiu. Havia um baile no Clube Social, ali em cima do Cine Edgar, elegendo lá a *miss festival*, essas coisas de cidade do interior. E um baile dos anos 1960, era fantástico! Ninguém podia perder um baile em 1960! Então subiu todo mundo do festival, os críticos, o pessoal de Cataguases todo - e o Glauber, não! Ele disse ao Mauro Sérgio, se eu não me engano, que ele queria rever o *Ganga Bruta*, um filme do Humberto Mauro. E aí o Mauro Sérgio pediu ao projetorista, e o Glauber ficou lá a noite inteira vendo o *Ganga Bruta*. Ele não subiu. Aí ele volta para o Rio e faz um longo artigo sobre o Humberto Mauro no suplemento dominical do *Jornal do Brasil*, que tinha uma característica fantástica, era dominical, mas saía aos sábados - o STJD (Superior Tribunal de Justiça Desportiva)! Onde eu e toda nossa geração aprendemos muito. Era um suplemento literário fantástico! Os poetas concretos escreveram lá, o Goulart, Mário Faustino, meu Deus! Wladimir Dias-Pino. E o Glauber faz um longo artigo, que depois seria alguma coisa como “temos que respeitar Mauro”! Eu reproduzo vários trechos desse artigo nesse meu livro. E ele falando que o Cinema Novo deve muito a Humberto Mauro. Mauro é o mais novo de nossos cineastas! Mauro já estava com quase 70 anos. E depois, este artigo serviu como embrião do grande livro do Glauber sobre o cinema que é o *Revisão Crítica do Cinema Brasileiro*. Quase metade do livro é sobre Humberto Mauro.

Andrea Abreu: E com o Humberto Mauro, o que você aprendeu?

Ronaldo Werneck: Aprendi muito com Mauro, mas também com os críticos e cineastas baianos, assistindo filmes e batendo papos nos cineclubes. A minha, entre aspas, “escola” inicial de cinema, fora os filmes que eu via em Cataguases, foi minha experiência em Salvador. Eu fui assistente de direção do filme *Vida por Vida*, um filme



sobre corpo de bombeiros que um amigo meu fez, Carlos Ataíde. Conheci muita gente de cinema lá, grandes amigos hoje falecidos, como Alberto Silva, grande crítico, foi o primeiro a escrever sobre *Deus e o Diabo*. A gente via e revia filmes. Eu me lembro que *Fellini Oito e Meio*, vi a semana inteira com eles, discutindo o filme e tal.

Andrea Abreu: Quando você se tornou um *maurólogo*, então?

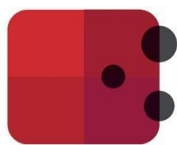
Ronaldo Werneck: O *maurólogo* foi depois desse texto que eu te falei, para a *Revista Vozes*, e essa amizade que foi se fortificando com Humberto Mauro, essas idas e vindas a Volta Grande. O pessoal de cinema vivia lá bebendo da inteligência dele, da experiência do Mauro. O Mauro sabia tudo de cinema, foi realmente o pai do cinema. O Andrezinho, o André Mauro, o sobrinho neto dele, escreveu lá, até um livro que eu fiz o prefácio dele: *Humberto Mauro: o pai do cinema nacional*. Realmente foi.

Andrea Abreu: Como foi essa sua relação com Humberto Mauro? Vocês iam lá para Volta Grande, conversavam, bebiam, o que faziam lá?

Ronaldo Werneck: Não, não (risos). É engraçado, ele fazia uma cachaça, não era uma cachaça não, era um licor de casca de laranja fantástico! E tinha uma cachaça muito legal, que a gente bebia lá. Eu lembro do Davi Neves, a gente bebendo a cachaça. Chamava Maloca. Ele tinha um tonel lá. Mas ele mesmo não bebia, não.

O Mauro gostava de fazer coisas. Não era só cinema. Ele foi radialista, ele fez rádio, não programa de rádio, ele construía o aparelho. Eu lembro uma vez ele me falando que esteve em um festival, onde foi homenageado, e alguém o apresentou como Humberto Mauro que, além de cineasta, foi quem trouxe o rádio para Minas Gerais. E brincou: “Ah se ele falou, é porque eu trouxe, né Ronaldo?” Ele era muito bem humorado. “Não fui eu, mas o cara que falou, então eu levei o rádio para Minas Gerais”.

É engraçado que o Mauro tinha uma coisa manual muito forte. Ele jogava sinuca muito bem, ele jogava xadrez. Não sei se você se lembra de uma coisa chamada bilboquê. É um brinquedo de madeira com uma bola presa por uma corda, que você tenta encaixar em uma espécie de taça. Ele era campeão de bilboquê. Ele era ótimo com flechas, jogava flechas para matar passarinho ou sei lá o quê! Era um excelente remador, o melhor goleiro da Zona da Mata de Minas Gerais, foi goleiro do Flamengo. Todas as coisas com a mão! Ele era eletricista, ele mexia, desmontava. Eu me lembro que eu estava com um gravador falando com ele em uma entrevista, e meu gravador emperrou, deu um problema e ele: “não, me dê aqui!” E consertou meu gravador. Ele era um negócio assim, era uma “figuraça”! Muito bem humorado! Contava umas histórias fantásticas!



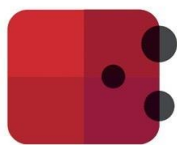
Ele falava assim para mim: “Você está vendo aquele morro lá, Ronaldo? É o Aporá!”. E eu perguntei: “por que Aporá?”. E ele disse: “Não! Eu fiz um filme sobre o Castro Alves, aí eu mandei o Manoel Ribeiro, que era o fotógrafo que trabalhava comigo no INCE. Eu não pude ir para a Bahia e mandei o Manoel Ribeiro, e por recomendação eu falei, olha, Manoel! Não deixe de fotografar o Morro Aporá que está na infância do Castro Alves, que ele falava, aquele Morro Aporá!!! Mas não é que o Manoel volta para o Rio e não traz a filmagem do Morro Aporá?! Aí eu falei, o que que eu vou fazer? Um dia aqui em Volta Grande, eu olhando aquele morro, pensei, nossa!!! Sem dúvida é o Aporá! Porque morro é morro, aqui, na Bahia, em qualquer lugar. Aí virou o Aporá”. E ele filmou o Aporá mineiro, como se fosse na Bahia.

O Mauro tinha uma coisa. Ele fingia que não sabia escrever, fingia que não entendia nada. Dizia assim: “Esses poemas que você e o Joaquim ficam publicando no suplemento do Minas, eu não entendo nada!” É porque eram uns poemas concretos. “Eu não entendo nada, isso que vocês estão fazendo”. Mas era mentira. Quando o Alex Viany publicou um livro chamado *Humberto Mauro - Sua vida / Sua arte / Sua trajetória no cinema*, ele publicou vários artigos de pessoas falando sobre o Mauro. Do Glauber, um artigo meu, inclusive em que eu faço uma reportagem como se fosse um filme com o Mauro. O Alex botou isso lá. Pega quase metade do livro porque era imenso. Aí eu levei o livro em uma ocasião e disse: “pô, Mauro, põe o jamegão aí, me dá um autógrafa”, e aí ele botou assim: “Ao Ronaldo Werneck, que escreve tão bem, segue o jamegão, admiração e um abraço, desse seu iletrado amigo, Humberto Mauro”. Quer dizer, era uma brincadeira porque depois a gente vai ouvir as palestras radiofônicas que ele fez, mais tarde, lá para o Roquette Pinto, na Rádio Educadora, foram fantásticas.

E o discurso que ele fez aqui em 1961, quando conta a vida dele em Cataguases, foi um negócio muito bem escrito. Aquilo tudo era uma brincadeira do Mauro, ele não era nada iletrado. O Guilhermino César tem um artigo maravilhoso na edição fac-similada da Revista Verde, feita pelo Zé Midlyi. Nesse artigo ele conta que nunca viu o Humberto Mauro em Cataguases, o jovem Humberto Mauro, que não estivesse com um livro debaixo do braço. E geralmente livros em inglês, livros técnicos. Ele era um leitor.

Andrea Abreu: E a relação de Mauro com a educação? Como foi que aconteceu?

Ronaldo Werneck: Ele sabia da importância do cinema como projeto educativo. O Mauro fazia os filmes em 16mm e o Roquette Pinto, que era um antropólogo e educador, tinha um projeto com filmes que mapeou o Brasil de várias formas. Eram filmes sobre medicina, música, literatura, fitossanitárias, coisas rurais. O Mauro fez quase trezentos filmes documentários. E a ideia era meio que levar esses filmes para as escolas do Brasil



inteiro. O Roquette Pinto chegou a propor isso, mas acabou não indo a frente. A ideia era que o governo doasse projetores 16mm para as escolas. Então as escolas que iriam exibir esses filmes. Seria uma maneira de educar as crianças mostrando o Brasil profundo que estava ali. As professoras ao exibir e discutir os filmes com as crianças, se tornariam uma espécie de diretoras de cineclube.

Andrea Abreu: Você chegou a fazer algum filme com Humberto Mauro?

Ronaldo Werneck: Com ele eu participei das filmagens do *Noiva da Cidade*, já no final da sua vida, em Volta Grande. Eu ficava sempre lá com ele e o pessoal da equipe, que eram todos meus amigos, o Alex, o Davi.

Sobre ele fiz um filme chamado *Mauro move o mundo*. Eu fiz uma edição da trajetória da vida do Mauro e um pequeno documentário com dois poemas meus chamados *Soldade*. O Mauro trabalhava muito filmando contra o sol, que era uma característica dele. Planos *plongée* e na contra luz. É uma brincadeira com sol e saudade. São dois filmezinhas sobre o Mauro.

Os aprendizados que me proporcionaram a criação desses filmes, dos poemas, foram muito em função das conversas que nós tivemos. A linguagem dos dois poemas que originaram esses filmes é uma linguagem cinematográfica e muito em cima da linguagem do Mauro. O Mauro falava como se estivesse filmando, o tipo de fala dele era mais ou menos assim: “olha o carro de boi lá, contra a luz, lá no alto do morro”. Ele já estava filmando ali naquele momento. Ele falava como se filmasse. Então, esses meus dois poemas jogam muito com essa imagem cinematográfica, como se tentando espelhar a palavra, originando o movimento.

Andrea Abreu: Voltemos um pouco no tempo para você me contar sobre o Ciclo de Cinema de Cataguases. Você não viveu o Ciclo, mas conheceu pessoas, além do próprio Mauro, que o viveram. Conte-me sobre a participação das mulheres.

Ronaldo Werneck: Ah! Sim! Tinha a Dona Bêbe, que era a mulher do Mauro, que trabalhou como atriz no *Thesouro Perdido* com o nome artístico de Lola Lys. Porque a Eva Comello, que virou Eva Nil, Nil por causa do Nilo, lá do Cairo, a Eva nasceu no Cairo. Quando a Eva parou de atuar, houve uma cisão lá, um quiproquó dela com o Mauro, e ela parou de fazer filme com ele. Então, o Mauro colocou a Dona Bêbe no papel de Susana, no *Thesouro Perdido*. Um filme que ele gostava muito por várias coisas, e uma delas porque estava a família toda praticamente: o sogro, a mulher, o irmão.

Mas a figura icônica, assim vamos dizer, do Ciclo de Cataguases, é a Eva Nil, que eu conheci, que era muita amiga da minha mãe. Ela tinha um estúdio na época e



onde aconteceu uma coisa inacreditável. O cara que comprou essa loja, por acaso há um ano atrás, estava lavando o carro, e eu também, e a gente começou a conversar e ele falou: “ah! sou dono daquela casa ali”. Aí eu falei: “sim, lá morou o Sr. Pedro Comello, a Eva Comello”. E ele falou: “pois é, você sabe que quando eu comprei a casa, eu achei lá no fundo do quintal várias coisas de filmes, de cinema e não sabia para quem entregar, acabei queimando tudo. Eu não sabia para quem dar aquilo”. Ele tentou até falar com o Pedrinho Comello, mas não conseguiu, e aquilo ficou lá e ele acabou jogando fora. Não só trechos de filmes, como tinham livros, anotações de escritos da Eva. A Eva anotava tudo.

Eu conheci muito a Eva. Era uma figuraça! Eu lembro dos dedos dela. Parecia que fumava. A unha, com a química da revelação fotográfica, amarelou. Ela que fez a foto da minha primeira comunhão. Minha e da Rosa, minha irmã. Está lá, “by Eva Comello”. Ela se tornou fotógrafa ao herdar o estúdio do pai.

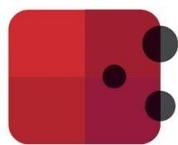
Andrea Abreu: Para além da condição de atriz, Dona Bêbe e Eva Nil tinham alguma outra função dentro do cinema?

Ronaldo Werneck: Não! Eram atrizes. E foram atrizes por acaso. A Eva assumiu junto com o pai, o Sr. Pedro Comello. Eu digo Sr. Pedro em homenagem ao Mauro, porque ele o chamava de Sr. Pedro. O Sr. Pedro era 20 anos mais velho do que ele. Na época o Pedro Comello tinha 50 anos, e o Mauro, 30.

A Eva participou da empresa de cinema que o pai dela tinha. Quando eles fizeram a cisão, a Phebo, que era do Humberto Mauro, ficou de um lado, e a outra empresa, que chamava A Fábrica de Cinema, que era do Pedro Comello, do outro. Cataguases tinha duas fábricas de cinema nessa época, nos anos 1920. E a Eva ajudava o pai. Assumiu a venda, a distribuição dos filmes. Era bastante ativa. Era taxativa. Tinha uma personalidade forte. Tanto é que o desentendimento com o Mauro foi problema com ela. Ficou meio obscuro o que aconteceu. Eu lembro que o Mauro me falou que quando a Dona Ida, mãe da Eva, morreu, ele mandou um telegrama para a Eva e ela sequer respondeu. Isso cinquenta anos depois.

Andrea Abreu: E sobre a preparação do Centro Cultural Humberto Mauro. Você participou ativamente?

Ronaldo Werneck: Participei! Eu escrevi várias coisas sobre o Mauro ao longo desse tempo, dando depoimentos, palestras, entrevistas. Coisas que acabaram resultando no



Centro Cultural Humberto Mauro, quando eu trabalhei com a Mônica Botelho⁴. E uma coisa que eu falava com ela, que é um absurdo, é Cataguases ter um Centro Cultural Eva Nil, que foi atriz de um filme do Mauro, e lá dentro ter uma sala de vídeo Humberto Mauro, que não dá para ouvir nada, que é um barulho horroroso. Vamos fazer alguma coisa! E aí foi quando a Força e Luz, na época, e depois a Energisa, adquiriu ali, aquela parte onde era o cinema do Nelo, e criou-se o Centro Cultural Humberto Mauro e o Memorial Humberto Mauro.

Quando eu voltei para Cataguases em 98, foi quando a Mônica também voltou e a gente já era amigo. No Rio, a Mônica ia sempre lá em casa. E calhou dela voltar nessa época e assumir a Fundação Ormeo Junqueira Botelho. A ideia era fazer um centro cultural e eu falei, Mônica, tem que ser Humberto Mauro! E dito e feito. Foi inaugurado em 2002, como Centro Cultural Humberto Mauro.

Eu não fui o mentor. A ideia foi da Mônica, eu fazia os textos. Eu, ela e o Henrique Frade. Na época da criação, eu e a Mônica fomos a Volta Grande, no Rio, no CTAv (Centro Técnico Audiovisual), o antigo INCE, onde tem os filmes, onde o Mauro trabalhou muitos anos. Nestes lugares a Fundação adquiriu várias coisas. Fez também contrato com a família Mauro. Tudo isso já com a ideia de fazer um museu, um memorial para Humberto Mauro, uma coisa que a gente não sabia ao certo ainda o que seria. Eu lembro que a Mônica tinha visto uma exposição em Fortaleza sobre o Lampião, feita por um arquiteto chamado André Scarlazzari, e voltou de lá impressionada. Disse “Ronaldo, um troço fantástico que o cara fez com imagem e movimento na exposição!” Acabou ficando amiga dele e o trouxe para estruturar o que seria o Memorial Humberto Mauro.

A partir daí fizemos algumas reuniões em São Paulo, com uma historiadora, para fazer o levantamento de material. Depois o André Mauro estruturou a parte da iconografia e eu junto com Júlio Mauro, que também é cineasta hoje, fizemos uma longa pesquisa. Fomos para a cinemateca de São Paulo, para o CTAv, estivemos em Volta Grande, entrevistei o Zequinha Mauro, o filho de Humberto, que foi um grande fotógrafo da fase dele depois do INCE, até sua fase final.

O Zequinha foi um fotógrafo importantíssimo. Eu lembro que o Valtinho Carvalho, que é praticamente o nosso melhor fotógrafo de cinema, me falou uma vez que o Zequinha foi o seu grande mentor de fotografia, aprendeu muita coisa com ele.

Depois eu acabei editando dez pequenos filmes que estão lá à disposição no Memorial, dando a trajetória do Mauro. Escrevi os textos, mas na verdade não fui só eu.

⁴ Presidente da Fundação Cultural Ormeo Junqueira Botelho, braço social e cultural do Grupo Energisa, distribuidora de energia.



Foi uma equipe: a Mônica, o André, vários textos que eu peguei, foi uma equipe. O Memorial foi inaugurado em 2008.

Andrea Abreu: E essa configuração atual do Polo Audiovisual? Você participou dela?

Ronaldo Werneck: Muito pouco. Na época eu já não estava muito envolvido. Eu participei efetivamente foi do Cineport⁵, que é meio que o embrião disso tudo. Nesse, sim!

Desde o festival do centenário do Mauro, que havia a ideia de se fazer um festival de cinema aqui em Cataguases, e aí depois, com a vinda da Mônica, tudo se concretizou. O Cineport foi muito disso aí. Aliás, este nome foi eu quem dei. O Cineport foi uma espécie de embrião do Polo. Foi o que detonou tudo. Nós fomos para Portugal, em Lagos, depois para João Pessoa e aqui em Cataguases, que foi um acontecimento, em 2005.

E o Polo vem dando muito certo. O Adhemar Gonzaga, que era um dos mentores do Mauro, e depois o fundador da Cinédia, dizia na época, nos anos de 1920, que Cataguases era “cataúde”. Chegou uma época cogitar em morar em Cataguases e trabalhar na Phebo. Aí o Mauro falou: “que isso cara? Não faz isso não!” Ele já era editor da Revista Cinédia.

E engraçado que hoje é “cataúde” porque é uma cidade locação, é set de cinema. São vários filmes feitos aqui. E isso é um aprendizado, atrai turismo, injeta grana na cidade, e aos poucos, o pessoal local começa a trabalhar nesses filmes. Mesmos que iniciantes, começam a fazer parte desses filmes. Não é só a vinda dos atores, dos cinegrafistas, dos diretores, não é só isso. Filmam por exemplo, roteiros em cima de obras do Ruffato, que é um escritor cataguasense.

Sobre isso, tem uma coisa importante que eu não falei ainda. Nos anos 60, o Paulo Martins fez um filme de longa metragem em Cataguases, importantíssimo, chamado *O Enunciador, o Homem das Tormentas*. Paulo Basto Martins, atualmente, é professor de cinema em Campinas. Paulinho é daqui, da minha geração. Ele escreveu comigo no *SLD* e n' *O Muro*. Foi um filme dele. Fez o argumento, o roteiro, a direção e atuou. A cidade inteira atuou, até eu fiz uma ponta lá. O Carlos Sérgio atuava, mas o Carlos Moura foi o principal, Maria Alcina cantava, o Manoel das Neves estava ótimo em seu papel. A cidade toda estava em cena. É um filme *underground*. E era mesmo, porque

⁵ Festival de Cinema de Países de Língua Portuguesa, que teve início no ano de 2005, em Cataguases, envolvendo oito países de quatro continentes.



não tinha dinheiro, tinha que ser. O Glauber adorava esse filme, a ponto de, quando ele fez o *Terra em Transe*, ele dar nome ao papel principal, que é o poeta, de Paulo Martins.

Referências

BRASIL. IBGE. *Cidades*. (2017). Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/cataguases/panorama>>. Acesso em: 01 maio 2018.

MAURO, Andre Di. (2013). *Humberto Mauro: o pai do cinema brasileiro*. São Paulo: Giostri.

GOMES, Paulo Emílio Sales. *Humberto Mauro, Cataguases, Cinearte*. São Paulo: Perspectiva. Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.

POLO AUDIOVISUAL ZONA DA MATA DE MINAS GERAIS. Coordenação de César Piva. Desenvolvido pela Agência Polo Audiovisual da Zona da Mata Minas Gerais. Apresenta articulação, planejamento, realização, registro e difusão das produções que acontecem no âmbito do Polo Audiovisual. Disponível em: <<http://www.poloaudiovisual.org.br/>>. Acesso em: 13 mai. 2019.

SCHVARZMAN, Sheila. (2003). "O livro das letras luminosas, Humberto Mauro e o Instituto Nacional de Cinema Educativo". In: FABRIS, M. (Org.). *Estudos Socine de Cinema*, Ano III 2001. Porto Alegre: Sulina.

WERNECK, Ronaldo. (2009). *Kiryri Rendáua Toribóca Opé: Humberto Mauro revisto por Ronaldo Werneck*. São Paulo: Arte Paubrasil.

Submetido em 25 de julho de 2019 / Aceito em 06 de novembro de 2019.